

EM TEMPOS DE PENITÊNCIA E PIEDADE: AS PROCISSÕES DA SEMANA SANTA EM LAGARTO (1990-2010)

Maria Helena Ferreira Santos

Resumo:

O presente trabalho discute a importância das procissões da Semana Santa em Lagarto como um ciclo devocional e modernizador inserido no contexto sociedade. O foco desse estudo está no período compreendido entre 1990 - 2010, em que a imprensa local registrou as solenidades como evidências da religiosidade civilizada da cidade. Essas questões foram desenvolvidas a partir das pesquisas sobre a temática, com a análise da historiografia na intenção de compreender as diferentes representações dessas celebrações. Assim iniciou-se a pesquisa sobre as procissões da Semana Santa na cidade de Lagarto/SE. Outro aspecto a ser ressaltado é a abordagem teóricometodológica centrada na história cultural, pois buscaremos uma perspectiva teatral das procissões do Encontro, Fogaréu e Senhor Morto. Essas celebrações religiosas são consideradas um dos principais momentos no cumprimento do dever religioso na cidade, recriando os últimos passos de Cristo a caminho do Calvário e reforçando uma idéia de tradição católica e de teatralidade.

Palavras-chave: procissões, devoção, cultura.

Summary:

The present work discusses the importance of the processions of Holy Week in Lagarto as a devotional and modernizing cycle inserted in the society context. The focus of this study is in the period between 1990 and 2010, in which the local press recorded the solemnities as evidences of the civilized religiosity of the city. These questions were developed from research on the subject, with the analysis of historiography in order to understand the different representations of these celebrations. Thus began the research on the processions of Holy Week in the city of Lagarto / SE. Another aspect to be emphasized is the theoretical-methodological approach centered on cultural history, since we will seek a theatrical perspective on the processions of the Encounter, Fogaréu and Señor Morto. These religious celebrations are considered one of the main moments in the fulfillment of religious duty in the city, recreating the last steps of Christ on the way to Calvary and reinforcing an idea of Catholic tradition and theatricality.

Keywords: processions, devotion, culture.

Introdução

Sob o olhar revelador das devoções católicas de massa, as procissões da Semana Santa de Lagarto expressam a permanência do imaginário católico tradicional. Nesse ponto, a história religiosa, tendo como objeto de estudo tais solenidades, instiga a investigação apontando

as várias interpretações sobre a religiosidade de uma paróquia que buscou recriar procissões em estilo barroco.

Nesse sentido, entraremos em um campo onde buscaremos compreender as diferentes representações dessa teatralidade no cenário religioso brasileiro. Essa religiosidade é caracterizada pela flexibilidade, extrapolando as fronteiras entre credos, “caminhando do catolicismo oficial, as religiões afro-brasileiras” (FERNANDES, 1985, p. 170).

Tendo em vista os aspectos aqui apresentados onde pretende contribuir com a história religiosa em Sergipe, principalmente em Lagarto buscaremos com essa pesquisa realizar a uma leitura de grupos religiosos populares e da elite local, no enfoque dessa teatralização auxiliando na compreensão do surgimento desta modalidade e sua influência a partir da sua História religiosa.

Considerando as práticas religiosas no passar dos anos de 1990 do século percebemos a constituição de uma reunião de regras sociais de conduta rígida, complexa e acima de tudo fortemente supersticiosa. Naqueles tempos, pois no período quaresmal não poderia acontecer casamentos, batizados, ou festas, particularmente as que “desrespeitassem” a religião católica. Nesse período as famílias, viviam próximos a Igreja, exercendo a religiosidade, respeitando os mais velhos, com os afilhados visitando seus padrinhos, os netos davam a benção aos avós,

O católico deveria pedir perdão a Deus arrepende-se por todos os pecados cometidos, jejuar em respeito a paixão e morte de Nosso Senhor Jesus Cristo”. Havia também as orações antes e depois das refeições. Além dessa ritualização doméstica, os paroquianos acompanhavam as procissões que apresentavam caráter penitencial

Era a busca pelo sagrado, como afirma Duarte:

O habito de peregrinar aos lugares santos é algo que corresponde tão profundamente a natureza humana, que traços desse costume se encontram em quase todas as religiões. Os gregos peregrinavam à ilha de Delos e depois

ao santuário de Apolo, em Delfos, onde o peregrino Sócrates iria descobrir a semente de sua vocação de filósofo e sábio. Os hindus peregrinam aos seus rios sagrados. Os muçulmanos vão a Meca, e esta peregrinação é dos deveres do islã. Quando o cristianismo se estabelece na Europa, durante a Idade Média, três grandes peregrinações movimentavam, todos os anos, um número incalculável de peregrinos: as romarias a Jerusalém, a Roma, e a Compostela (DUARTE, 1959, p. 01).

Caminhar é uma herança cristã, que esteve presente desde a antiguidade. No catolicismo, além das grandes peregrinações a romarias, destacam-se as procissões paroquiais, pequenas caminhadas urbanas que caracterizam-se pela apresentação pública, pela exposição de santos e mártires da Igreja, ritualizando (talvez re-atualizando) a suas trajetórias livre do pecado tendo em vista os aspectos aqui apresentados, analisamos as diferenças ocorridas nos acontecimentos existentes, ao longo da segunda metade do século XX. Para entender melhor essa situação, é preciso observar as diferenças desses períodos, podendo nos aprofundar nas pesquisas que foram feitas para compreender melhor as condições em que as procissões permanecem. Como se pode ver, “o calendário católico brasileiro é repleto de manifestações de massa, imbuído de diferentes significações com interesses da ortodoxia católica” (FERNANDES, 1985, p. 170). Essa é uma pesquisa qualitativa com base em estudos históricos e levantamento de fontes de pesquisa e fontes históricas sobre grupos devocionais nos períodos entre 1990 e 2010, priorizando registros como fotografias das procissões do Senhor Morto, Nossa Senhora das Dores e Senhor dos Passos, na compreensão das diferentes representações dessas celebrações a partir de seus elementos.

As procissões da Semana Santa em Lagarto/SE, são consideradas um dos principais momentos no cumprimento do dever da cidade continuar com a tradição católica de realizar as procissões do Encontro, Fogaréu e Senhor Morto, incluindo as práticas devocionais e penitenciais. Todas elas revelam aspectos devocionais importantes, que evidenciam sinais do modo de vida do povo local. O propósito desse estudo é

compreender as diferentes representações dessas celebrações em Lagarto, sendo também uma ocasião para demonstrar o prestígio social da elite local. Foi a partir de registros paroquiais e do olhar da imprensa local que estamos tentando reconstituir as celebrações católicas nas procissões da Semana Santa em Lagarto/ SE. Percebe-se nesse contexto a importância de refletir o período quaresmal na questão da religiosidade, revelando a importância dos devotos através da imprensa. Tentamos reconstituir as representações das celebrações religiosas da Semana Santa, a partir de registros como os livros de tombo, jornais, entrevistas e da imprensa local, com a permanência dos devotos e a ação reformadora do Clero, na compreensão das diferentes representações dessas celebrações a partir de seus elementos em Lagarto, Sul de Sergipe.

Entretanto, a principal fonte de investigação foram os registros orais com antigos devotos da Semana Santa da cidade de Lagarto. Isso tornou espalhando-se entre a população, fazendo com que a idéia de religiosidade estivesse associada a todas as religiões do mundo. Buscando alcançar também o reconhecimento em outras religiões, através de um termo conhecido como liberdade religiosa.

Ao discutir sobre as lembranças pessoais, nas quais se incluem Gilberto Freire, Michel Pollack declara-se a importância da sonoridade, para os registros de cunho afetivo. Ele também afirma que as lembranças mais próximas são aquelas que guardamos como recordações pessoais, os pontos de referência são apresentados (...) de ordem sensorial: o barulho, o cheiro e as cores (SANTOS, 2010, p. 11)

A religiosidade exerce um papel fundamental, de fé no catolicismo, desenvolvendo sentimentos e necessidades da alma, os devotos passaram a adicionar as atividades religiosas para o investimento da salvação. Onde a maior autoridade da Igreja é o clero, que tem o poder controlador sobre seus seguidores.

Contudo, essa ideia de que a Igreja controla e determina as ações dos devotos é frágil, pois os religiosos, devotos, beatos ou romeiros

buscam construir uma expressão de religiosidade a partir de sua leitura de mundo, muitas vezes distante do que o clero deseja.

As procissões passaram a ser um símbolo de grande importância na vida dos fiéis trazendo suas atividades religiosas e o compromisso de cumpri-las todas suas necessidades, direcionando a fé e traçando o caminho da salvação para a redenção dos pecados, onde seu maior destaque era obedecer as exigências do clero, entendendo que a obediência é o caminho para alcançar a vida eterna. Caminhar é visto como o percurso necessário a salvação, a purificação dos pecados.

1. O tempo sagrado

O século XX foi um marco na História da religiosidade no Brasil. Na versão de alguns pesquisadores, as celebrações católicas passaram por grandes alterações, visando adequar ao ritual romano, eliminando alguns elementos considerados como o paganismo. Convencido de que a religiosidade deveria ter uma atitude diferente do que havia, o clero romanizador para normatizar celebrações católicas, impondo um modelo de rituais mais sóbrio e próximo dos rituais romanos.

O objetivo desse trabalho é compreender a importância das procissões da Semana Santa na cidade de Lagart, inserindo-as no contexto cultural da hierarquização do tempo e do espaço apresentando as narrativas, dramas e suplícios encenados na Quaresma. Mas como isso se deu em

No período 1990 e 2010, houve várias mudanças na religiosidade católica, com a ação reformadora do Clero, que contra a vontade dos fiéis gerou grandes conflitos no catolicismo, os devotos seguiam as regras da religião, na esperança de um dia e poder encontrar-se com o Divino. Como já expusemos o ato de devoção era principal corrente de fé, tornando mais forte na vida cristã, entre os que se destacavam as camadas populares que exerciam práticas de sacrifícios diante de imagens sacras e muitas vezes sob a observação da elite local, por meio de força maior chamava a atenção dos cristãos que ali estava. Os atos

comemorativos da Sagrada Paixão e Morte de Nosso Divino Redentor, os sermões que foram assim distribuídos, a comemoração da Semana Santa é de grande relevância para os devotos, que caminham em busca de encontrar – se com o Pai Eterno, as transformações nas práticas religiosas, com as reformas do clero: trata –se de uma pesquisa histórica, com base nos registros paroquiais, encontramos grandes relatos dos padres que deixaram suas marcas, com a história da religiosidade na cidade de Lagarto/SE, em locais em que as novas ordens religiosas não assumiram o controle das celebrações, o caráter reformador paulatinamente impregnou – se, certamente foi o caso de Sergipe (SOUZA 2008). O autor relata que uma das causas alegada pelo clero para o distanciamento das práticas devocionais dos sergipanos em relação ao que era esperado pela hierarquia católica era a falta de sacerdotes e a distância entre as paróquias da província e o seu arcebispado em Salvador.

Nas primeiras décadas do século XIX, propagaram-se as santas missões realizadas por capuchinhos que adentravam as áreas mais longínquas, realizando uma nova evangelização. Visando estabelecer um novo parâmetro para o campo religioso sergipano, no alvorecer do século XIX, algumas medidas foram tomadas. Uma delas foi a entrega de algumas paróquias aos franciscanos (SANTOS 2008, p. 465).No caso de Sergipe, a maior parte das irmandades só obteve a aprovação dos compromissos nos oitocentos. Desse modo, podese considerar que um contingente considerável de irmandades atuou sem haver o relacionamento por parte do Estado e do clero. No caso da Semana Santa de Estância, no artigo 3º, o compromisso da Irmandade do Santíssimo Sacramento expõe que “Ambas as festas serão solemnizadas com a maior pompa e magnificência do paz” O compromisso evidencia a exuberância de celebrações na principal semana do catolicismo. Enfatizando que os irmãos do Santíssimo Sacramento tentavam reproduzir um legado herdado das gerações anteriores. O caráter piedoso das solenidades deveria ser explorado ao máximo, por meio de imagens sacras que

evidenciam o sofrimento de Cristo e da pompa que remetia ao poderio da irmandade perante as demais. Sendo que o compromisso evidencia as celebrações da Semana Santa eram de acordo com a tradição católica, pois nele consta que “As solenidades destes actos não expressas mais se estendem as dos costumes”(Santos, 2008, p. 472). Em 1942, foram celebradas na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Piedade na cidade de Lagarto, os atos comemorativos da Sagrada Morte e Paixão de Cristo. Os adre enfatizavam que as procissões eram celebradas em forma de missa, sendo que os atos foram assim distribuídos:

A presente reiniciação ao Cônego Domingos Fonseca Vigário de (ilegível) e ao Padre Manoel Francisco dos Santos, Vigário de (ilegível), na Paixão e Soledade ao Vigário da Paróquia Padre João de Marinho. A grande Semana presente praticam – se seus relevantes serviços.

O pároco da Freguesia Nossa Senhora da Piedade e o cônego João de Castro, Gileno Francisco de Jesus, Professor do Seminário Coração de Jesus e da Escola Normal de Aracaju, se fizeram presente nas solenidades da Semana Santa. Os sermões foram assim distribuídos: ao Padre José de Castro mandato Conceição de Nossa Senhora; ao padre Gileno Pretônio de Lagarto não havendo discricção entre os fieis

O gasto de todas as despesas correram por conta do egado da Paróquia de Nossa Senhora da Piedade. Isso evidencia que as procissões ocorriam por conta dos recursos da paróquia e não da Irmandade do Santíssimo Sacramento, se é que realmente ela tenha existido em terras da Piedade. Em 194, houve presença ilustre, pois o livro de tombo registra que esteve nas celebrações “o grande príncipe da Igreja: Dom Fernando Gomes e o Santíssimo Sacramento foi uma verdadeira a hipótese. Contudo, muitos sinais do processo de romanização evidenciado por Magno Santos na Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe de Estância¹ e na cidade de Itaporanga,² também se fizeram presente em Lagarto, mostrando que tais práticas foram recorrentes em todas as cidades de Sergipe. Assim:

¹ SANTOS, Magno Francisco de Jesus. Os cravos da morte na cidade jardim: a procissão dos Passos em Estância, Sergipe (1850-1920). **Mneme**. Vol 11, nº 29. Natal, 2011, p. 464-491.

² SANTOS, Magno Francisco de Jesus; SANTIAGO, Márcia Maria Santos. Padroeira: a festa de Nossa Senhora d’Ajuda em Itaporanga. **Caderno do Estudante**. Vol 4. São Cristóvão, 2006.

O Padre João de Souza Marinho, nesta Paróquia com grande influência dos fieis louva – os atos comemorativos. Chegando nesta cidade o Reverendo Sr. Frei Celestino de San Mariano, Religioso Capuchinho da Custódia da Bahia, na qualidade de cooperador assumiu a direção da Paróquia.

A presença de um capuchinho demonstra que na cidade também havia a preocupação em reforçar os sentimentos de piedade cristã, de tornar as solenidades da Semana Santa em celebrações voltadas para a penitência. Assim, nos anos subsequentes, o controle do clero sobre as práticas devocionais parecia ser maior, incluindo os horários em que homens e mulheres deveriam realizar a adoração.

Em 1952, houve celebração na Paróquia, com verdadeira piedade e a influência dos fieis, os atos comemorativos da sagrada Paixão e Morte de Nosso Divino Redentor. A Comunhão da Quinta feira foi verdadeiramente consolador e elevado foi o número de fieis e da parte das mulheres que passaram o dia e dos homens que passaram a noite.

A Semana Santa é considerada para os católicos o período mais importante do ano, a semana sagrada. Para Mircea Eliade, quando o agrado se manifesta, o homem toma conhecimento porque este se manifesta, se mostra como algo diferente do profano” este termo não implica em nenhuma precisão suplementar: exprime apenas o que está implicado. Para entender melhor a história das religiões – desde as mais primitivas as mais elaboradas – é constituída por um número considerável de hierofanias, pelas manifestações das realidades.

Sendo que a partir da mais elementar hierofania, a manifestação do sagrado pode está presente em qualquer objeto, sendo que pode ser uma pedra ou uma árvore. A pedra sagrada, e a árvore sagrada não são adoradas como pedra nem como árvore, porque já não são mais nem pedra nem árvores. O homem das sociedades arcaicas tem a tendência de viver o mais possível no sagrado, essa tendência é tanto para os “primitivos” como para o homem de todas as sociedades.

O sagrado equivale ao poder, a realidade por excelência. Sagrado/profano é traduzido como uma oposição entre o real e o irreal.

Vejam os a História do homem religioso que tanto se esforça por manter o máximo do seu tempo em um espaço sagrado e como apresenta sua experiência da vida em relação a do homem que é privado de sentimento religioso, ou deseja viver, num mundo dessacralizado. Basta constatar que a dessacralização é caracterizada a experiência do homem não religioso das sociedades modernas, o qual por essa razão sente uma grande dificuldade em reencontrar as dimensões existencial do homem religioso das sociedades arcaicas, ou mesmo de camponês da Europa cristã.

Da perspectiva histórico-cultural, uma tal justaposição de fatos religiosos, pertencentes a povos tão distante no tempo e no espaço, não deixa de ser um tanto perigosa, pois sempre há o risco de se recair nos erros do século XIX. Seria vão discorrer acerca da estruturado espaço sagrado sem mostrar, como se constrói um tal espaço e porque é um espaço, tornando –se diferente do espaço profano que os cerca.

Em última instância, os modos de ser sagrado e profano dependem das diferentes posições que o homem conquistou no Cosmos e, conseqüentemente, interessam não só ao filósofo mas também ao investigador que deseja conhecer as dimensões da existência humana (p.15).

A experiência religiosa no mundo sofreu no curso do tempo, é evidente que os simbolismos e os cultos da Terra Mãe, da fecundidade humana e agrária, da sacralidade da mulher, não puderam desenvolver-se e construir um sistema religioso, articulado pela descoberta da agricultura (Saint Cloud, abril de 1956, Mircea Eliade, p. 13 -16).

No enfoque da religiosidade, para o homem religioso, o espaço não é homogêneo: pois apresenta roturas, quebras, existem vários espaços qualitativamente diferentes das outras. Sempre existe um espaço sagrado, forte, e significativo, mais também há outros espaços não sagrados, sem estrutura e sem consistência, mais para o homem religioso essa não-homogeneidade traduz – se pela experiência de uma oposição entre o espaço sagrado – o único que é real. Não se trata de uma especulação teórica, mas de uma experiência religiosa primária, precedendo toda a reflexão do mundo.

A revelação do espaço sagrado tem um valor existencial para o homem religioso, porque nada pode começar, nada se pode fazer sem uma orientação prévia sendo que toda orientação implica a aquisição de um ponto fixo. É por essa razão que o homem religioso sempre se esforçou para estabelecer-se no “Centro do Mundo.” Para viver no mundo é preciso fundá-lo porque nenhum mundo pode nascer no caos da homogeneidade e da relatividade do espaço profano. Assim, “Não te aproximes daqui, disse o Senhor a Moisés, tira as sandálias de teus pés, porque o lugar onde te encontras é uma terra santa” (Êxodo, 3: 5).

É preciso acrescentar que tal existência profana não se encontra no estado puro, seja qual for o grau de dessacralização do mundo a que tenha chegado, o homem que optou por uma vida profana não consegue abolir completamente seu comportamento religioso. A experiência profana, ao contrário mantém a homogeneidade e portanto, a relatividade do espaço, já não é possível nenhuma verdadeira orientação, porque o “ponto fixo” já não goza de um estatuto ontológico único; aparece e desaparece segundo as suas necessidades diárias.

Evidenciando a não homogeneidade do espaço, com ela é vivida pelo homem religioso, pode se fazer um apelo a qualquer religião. Escolhendo um exemplo ao alcance de todos: uma igreja, numa cidade moderna. Para um crente, essa igreja faz parte de um espaço diferente da rua onde ela se encontra. A porta que se abre para o interior da igreja significa uma solução de continuidade. O limiar que separa os dois espaços indica a distância entre os dois modos de ser, profano e religioso. (ELIADE, 2001, p. 17 – 18).

O linear é ao mesmo tempo o limite, a baliza, a fronteira que distinguem e opõem dois mundos – e o lugar paradoxal onde esses dois mundos se comunicam, onde se pode efetuar a passagem do mundo profano para o mundo sagrado (ELIADE, 2001, p. 19).

O mesmo simbolismo do Centro explica outras séries de imagens cosmológicas e crenças religiosas, que entre as quais vamos reter as mais importantes:

- (a) as cidades santas e os santuários estão no centro do mundo;
- (b) os templos são réplicas da Montanha cósmica, constituindo uma ligação entre a Terra e o Céu;
- (c) os alicerces dos templos mergulham profundamente nas regiões mais inferiores. É surpreendente encontrar o mesmo simbolismo aplicado ao Templo de Jerusalém (ELIADE, 2001, p. 24-26).

Quanto á assimilação dos templos ás Montanhas cósmicas e á sua função de “ligação” entre a Terra e o Céu, testemunham no os próprios nomes das torres e dos santuários babilônicos: que são chamados de “Monte da casa “, “Casa do Monte de todas as Terras”, “Monte das tempestades”, “São ligações entre o Céu e a Terra” (ELIADE, 2001, p. 26).³

Assim, e enfatizando que na última semana da quaresma a cidade de Lagarto passava por um processo de grandes transformações, com a realização das procissões: do Encontro, Senhor Morto e Fogaréu, relembrando os martírios do Cristo sofredor, carregando a cruz pesada, chegando a crucificação e pagando pelos pecados da humanidade. De 1990, a 2010, a cidade cumpri a tradição católica de realizar, procissões rememorando os últimos momentos da vida de Cristo. Com isso, buscou recriar nas ruas da cidade o espaço sagrado, mostrar que ali estava o umbigo do mundo. As celebrações religiosas são considerada um dos principais momentos do catolicismo. no cumprimento do dever religioso, a cidade continua com a tradição católica de realizar as procissões do Fogaréu, do Encontro. Todas elas evidenciam aspectos devocionais importantes, mostrando sinais de vida de um povo sofredor. O propósito desse estudo é compreender as diferentes representações dessas celebrações, sendo também uma ocasião para demonstrar o prestígio social da elite local e o modo de vida do povo sofredor. Foi a partir dos registros paroquiais e do olhar da imprensa local que estamos tentando reconstituir as celebrações católicas entre os anos de 1990 e 2010, na

³ SOUZA, A sociedade brasileira entre o final do século XIX. Ano, 2008. ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano: a essência das Religiões. O preço da fé: trajetória de uma Penitente Sergipana, ano. 2008.

cidade de Lagarto/SE, sendo que o ponto central da discussão são as procissões que mostram sinal de vida dos devotos indo em busca do sagrado n período quaresmal. Celebrações que tinham a finalidade de encaminhar os fiéis a participar das procissões da Semana Santa, não sendo diferente de outras cidades sergipanas.

Nesse sentido, são abordadas várias questões ligadas ao anseio pelo reconhecimento social, representando as lutas travadas entre diferentes grupos no espaço hierarquizado das procissões. Num tempo e espaço mítico, faces múltiplas do mosaico urbano, as procissões da Semana Santa, em fogo traçado nas ruas da cidade de Lagarto, como um grande fenômeno de modo privilegiado com a expressão da trama social.

2. As procissões da Semana Santa em Lagarto

A Semana Santa é considerada pelos católicos o principal período de expressar a devoção, a fé, a religiosidade. Na cidade de Lagarto, esse era o período em que ocorriam inúmeras procissões. Tudo tinha início no domingo de Ramos, com missa e procissão. Na terça-feira Santa, ocorria a procissão do Senhor dos Passos, entre a Igreja Matriz e a igreja do Rosário. No dia seguinte, ocorria a badalada procissão do Encontro, com as imagens do Senhor dos Passos, saindo do Rosário e de Nossa Senhora das Dores, saindo da Matriz.

Na Quinta-feira de Endoenças ocorria a Procissão do Fogaréu, com a imagem do Ecce Homo. Na Sexta-feira Maior, era celebrada a Procissão do Enterro com as imagens do Senhor Morto e da Virgem das Dores. Por fim, no Domingo de Páscoa, era realizada a Procissão da Ressurreição.

No caso do Senhor dos Passos, seus vestígios relativos aos anos de 1940 a 1990, acham-se espalhados por uma extensa gama de fontes. Sendo assim o trabalho exigiu as procissões para que pudesse ser localizado um único fragmento: constituindo tais vestígios em evidência aceitável das experiências vivenciadas na paixão.

A minha intenção é, portanto, entrecruzar dados referentes á história cultural da cidade com dados específicos, referentes as

celebrações da Semana Santa lagartense, tentando identificar na sua continuidade, rupturas, elaboradas e reelaboradas, as condições que atualizaram a retórica desta festividade nos períodos focados. Portanto, organizei a massa documental de modo que se refere a Semana Santa (Livros de Tombo da Secretaria Paroquial da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Piedade em Lagarto).

Os documentos foram divididos em grupos. O primeiro compreende um corpus relativo aos Livros de Tombo da Secretaria Paroquial da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Piedade na Cidade de Lagarto/Se. O segundo compreende um corpus relativo aos artigos de vários autores nos aspectos históricos sócio-culturais. O terceiro compreende um corpus relativo às entrevistas com os devotos, a imprensa e a Elite local.

A Semana Santa é abordada neste trabalho, como prática discursiva articuladora e dionisiaca que remete a configuração barroca das festas-espetáculos, se consubstanciando em representação de projetos políticos e sócio-culturais. Experiências desconstruídas, buscando compreensão, instigando-me a investigar a história da Semana Santa como fenômeno e expressão da trama social.⁴

Imagens que compõem um mosaico onde as memórias da paixão se imbricam com memórias pessoais e coletivas deixando uma Semana Santa que se colore com os tons dionisiacos da festa e do barroco, inspirada simultaneamente ao trágico, lúdico e sublime. Uma Semana Santa que traz as marcas do apreço por manifestações que hibridam festa e espetáculo, o religioso e o laico, o popular e o erudito.

A rigor pode-se dizer que o espetáculo é imanente a constituição do social, assim como os rituais, representações, papéis, máscaras sociais etc. Portanto a espetacularização das relações deve ser compreendida como

⁴ SOUZA, Ana Guiomar Rêgo. **Paixões em Cena: A Semana Santa na Cidade de Goiás (Século XIX)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992, p. 12.

DAMATTA Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis: para uma Sociologia do Dilema Brasileiro**, 1990. P.34.

FORTUNA, Marlene. **Dioniso e a Comunicação na Héla do Mito o Rito e a ribalta**. São Paulo: Annablume, 2005, P. 47, 48. Eliade, Mircea. *Tratando de História das Religiões*. São Paulo: Martin Fontes. 2002, p.50.

inerente a todas as sociedades humanas (DAMATTA, 2009, p. 34).⁵

Nesses eventos evidenciam-se situações onde o sagrado e o profano, o formal e o informal, o idealizado e o grotesco, coexistem nas mesmas cerimônias. Ordenações essencialmente polifônicas, onde “melodias” muitas vezes díspares se cruzam, e se superpõem, em uma trama que permite diferentes interpretações.

A Igreja Matriz da Cidade de Lagarto e as procissões da Semana Santa prestando contas no ato de fé, da religiosidade Católica: não podemos entender o contexto católico de Sergipe. No processo de realizações das procissões uma vez que o cenário religioso estava sendo predominado pela fé cristã, onde os devotos, a elite e a imprensa tinham suas idéias positivas no ato de demonstrar as necessidades do povo local.

Foi percebendo as necessidades que os devotos passaram a acompanhar as festas religiosas procurando assemelhar seus sofrimentos aos de Cristo. A experiência de expor seu sofrimento em público, dando origem a semelhança do Divino, seus atos demonstram grande sofrimento no olhar do devoto, onde a imprensa registra cada movimento dos cristãos na prática devocional.

A experiência dessas procissões na segunda metade do século XX mostram as necessidades primárias guardadas na igreja, em que a religiosidade Católica foi alvo de reformas. O clero defendendo suas idéias reformadoras e dominantes para encaminhar os fiéis com mais frequência as festas religiosas. Através dessa ação reformadora, defendendo a religião católica a religiosidade tornaria um ato de fé com mais frequência na vida dos seguidores do Divino.

A história dos atos devocionais na cidade de Lagarto entre os anos de 1940 a 1990, tendo como propósito a compreensão das diferentes representações e as transformações ocorridas nas celebrações de caráter social dessa tarefa, a partir de seus elementos teatrais, enquanto as penitências traz o mecanismo de demonstrar o prestígio social da elite

5

local. Sergipe poderia ter um evento religioso, dentro dos auspícios do catolicismo, com relação ao popular, sob o controle da igreja, sendo que nestas festas de igreja não poderia haver espaço para as práticas supersticiosas (SANTOS, 2010, p. 193).

A igreja estimula a prática da religiosidade com uma nova expressão, tornando a fé dos fiéis em uma longa caminhada em da salvação. Sendo que as celebrações religiosas consiste de grande relevância para a compreensão da religiosidade, na tentativa do homem manter a experiência na busca do sagrado. (Magno Santos, p.184).

O autor enfatiza que o cristianismo é uma religião coletiva apoiada na Igreja, no que refere-se ao ato religioso por excelência, que é a prece. Onde a estrutura hierárquica da Igreja se estabelece com os bispos que são os chefes das igrejas, detendo a primazia de Roma, a partir do século III, os cristãos ávidos de perfeição deixam tudo e fogem para o deserto, a fim de encontrar – se com Deus, através da prece e da mortificação. Enquanto isso a igreja sempre desconfiou das manifestações de devoção pessoal, excessivas e da consequência de aventurismo espiritual. ⁶

Roger Chartier enfatiza que na região renana da segunda metade do século XVI, os inspetores encarregados de examinar os conhecimentos religiosos dos fiéis – e não como mais tarde na Suécia, sua capacidade de ler – na maioria das vezes constatam recitações sem compreensão. No final do século XVII, a relação individual com a Bíblia – que supõe o domínio de leitura – é colocada como exigência universal. Depois permitiu, uma mais privada, outra relação com o sagrado além do regulamento pelas disciplinas e mediações eclesiais.

Chartier relata que a cultura popular seria como que as inscrites nas formas produzidas e nada mais do a justa percepção das encenações, das passagens a rito, a imagem a termo do poder soberano. Caracterizando o século XVII como uma época de esgotamento de

⁶ Santos, M. F. J. As ovelhas da Pastora: as múltiplas facetas de uma peregrinação de Sergipe. In: **Revista Brasileira de História das Religiões**. Ano III, nº 7, 2010 p. 170, 184, 193.

abandono de Estado da monarquia francesa, substituídos pelo cerimonial privado e pelo culto regial como são organizados na corte a partir de Luis XIV. Sendo que o ponto de vista dos sujeitos e do povo. A eficácia ritual supõe que a existência de muitas formas de transmissão pela palavra, em virtude desse fato, a celebração do culto régio, como sendo da ordem do privado, as relações de cada um, quem quer que seja, deve manter-se como soberano.

O autor comenta que muito já se escreveu sobre a importância da Igreja na ordem social de sociedades tradicionais. A Igreja tinha peso político próprio e era capaz de exercer, de certa maneira, função civilizatória, no sentido propugnado por Norbert Elias. Aparecia como produtora de simbologias. A nação de elite utilizava uma minoria que dispõe, numa sociedade determinada, de privilégios decorrentes de qualidades valorizadas socialmente como raça, linhagem e qualidades adquiridas como cultura e educação. (ELIAS, 2002, p. 1)

O capital simbólico assegura formas de dominação que implicam na dependência daqueles que este mecanismo permite dominar. Ele só existe na verdade pela estima, pelo reconhecimento, pela crença pelo crédito e pela confiança dos outros. (ELIAS, 2002, p.11)

A Procissão do Senhor dos Passos em Sergipe, apresenta algumas características diferenciadas de outras festas. A primeira é o fato de relembrar os últimos momentos da vida de Cristo, o árduo caminho do calvário, os sete passos da paixão. Neste caso, se trata de uma festividade que rememora as dores do Cristo sofredor, personificado com a imagem do Senhor dos Passos. A imagem representa Jesus ajoelhado com a cruz sobre os ombros, carregar a charola do Cristo martirizado possui uma relevante carga simbólica.⁷

As procissões consistem do comportamento dos devotos entre as estruturas religiosas para compreender as diferentes representações dessas celebrações, no meio social com o acompanhamento da imprensa e

⁷ COSTA, Eliza. **Ritos e Procissões**: Capital Simbólico e Dominação nas Irmandades Religiosas de Sobral no Limiar do Século XX. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro UNIRIO. / Julho/ Agosto/ Setembro de 2006.

dos devotos que são vistos como a grande fundamentação do catolicismo, subordinando suas práticas em busca de fiéis, no domínio da religiosidade católica, os devotos exerciam suas práticas religiosas por obediência do Clero e da elite, que eram influenciados pelo poder da Igreja.

Chartier relata que a História cultural entre a política e representações, implica numa segunda ordem de reflexão, pondo em causas as possibilidades de suas idéias. Onde o sentido dos conflitos nos dá a autonomia de aquisição nos títulos de prestígios no campo intelectual, o desafio assumiu diversas formas no conjunto das posições para as representações e suas certezas metodológicas quando veio o confronto de novas exigências, onde as relações familiares, os rituais junto a sociabilidade (CHARTIER, 2002).

As lutas de representações tem a mesma importância das lutas econômicas, na compreensão do mecanismo que impõe a sua concepção no mundo social: onde as representações coletivas que os grupos fornecem uma organização de modo social ou natural.

O conceito de representação e sua pertinência trata de objetos que chega a analisar duas ordens de razões: representando aquilo que é a representado, segundo a distinção entre representação e representado, é pervertido pelas formas de teatralização da vida social do Antigo Regime, todas elas podem ser vistas como identidade do ser.

Conjuntos de imagens que apresenta a luta entre o Clérigo e a idéia de tradição do povo para com a Igreja que deixa de ser a única. A Revolução do Clero na reforma da religião Católica com as novas autoridades e o desejo de vencer (ROGER CHARTIER, 2002, p. 8).

O autor relata que na relação presente-passado devemos acrescentar o horizonte do futuro. Mesmo que os sentidos sejam múltiplos. As teologias da história subordinaram-na a um objetivo definido como seu fim, o cumprimento e a revelação. Esta é a verdade na história cristã, absorvida pela escatologia; e no materialismo histórico (na versão ideológica) baseada na ciência do passado, com o desejo de futuro não dependente da fusão numa análise científica passada e numa prática

revolucionária, esclarecida nessa análise. Pense-se simplesmente nesta constatação banal, mas cheia de conseqüências um elemento fundamental dos historiadores dos períodos antigos é o fato de saberem o que aconteceu depois.

Enfatizando que a história é a ciência do passado, com a condição de saber que este passado vem a se tornar objeto da história, por uma reconstrução incessantemente resposta em causa – não podemos falar das cruzadas como o teríamos feito antes do colonialismo (p. 026) do século XIX. Esta interação entre passado e presente é aquilo a que se chamou a função social do passado ou da história.

A contradição mais flagrante da história é o fato do objeto singular ser singular, um acontecimento, uma série de acontecimentos, de personagens que só acontece uma vez. Como as obras históricas, os juízos históricos são “intersubjetivamente compreensíveis” e “intersubjetivamente verificáveis”. Esta intersubjetividade é construída pelo juízo dos outros e, em primeiro lugar, dos historiadores.⁸

Quando Paul Valéry declara: “A história é o, produto mais perigoso que a química do intelecto elaborou... A história justifica o que se quiser. Este espírito, tão agudo, confunde a história humana com a história científica e releva a sua ignorância sobre o trabalho histórico.

3. Itinerários de dor e aflição: roteiros e imagens nas celebrações

No caso das procissões de Lagarto, seus vestígios são relativos aos anos de 1990 e 2010, ainda acham – se espalhados por uma extensa gama de fontes. Sendo assim, o trabalho exigiu as procissões do Encontro, Fogaréu e Senhor Morto, para que pudesse ser localizado um único fragmento: constituindo tais vestígios em evidência aceitável das experiências vivenciadas na paixão novecentista da cidade procedendo.

Com a participação da Imprensa a partir de 1938, focando todos os fatos necessários das procissões da Semana Santa na cidade mostrando todo o seu prestígio, onde a elite sempre foi o papel principal. Onde nas

⁸ Erdman n, 1964; Schulin 1973, As Teologias da História. Lucien Febvre. 1949, entre Passado e o Presente. Edward. H. Carr a tradição ocidental onde a tendência estar remota aos Gregos. 1954 – 1961. Paul Valéry, 1931. P. 63 - 64

caminhadas das procissões existia uma grande divisão entre: os fiéis e a elite e a imprensa, sendo que o autor principal dessas festas era o Andor que puxava todos para a mesma direção, tornando aparentes os princípios que governam a vida coletiva e os conflitos que engendra.

Na abordagem da Semana Santa entre os anos de 1990 e 2010, segue pelo viés das representações, onde significa buscar os significados da investigação que atualiza durante o referido corte cronológico. Relacionando várias fontes, determinados fatores, significativos na utilização das celebrações da Semana Santa Lagartense, onde a devoção, a paixão e a fé na eficácia simbólica da realização de rituais coletivos, são de tal maneira que, somente quando abordados em conjunto, podem oferecer uma interpretação mais abrangente das razões que motivaram aos fiéis a expandi-lo.

O que se pode afirmar é que o ciclo de celebrações da Semana Santa foi atualizado nos noventa e nove por conta da associação de vários fatores. Por um lado, a crença, permaneceu a fé e a paixão através de modos coletivos de celebrações na busca de reviver na forma trágica da devoção penitencial e sacrificial, os episódios centrais da saga divina de Jesus. Encenação que se dá à apreciação em um invólucro estético do qual emergem um conjunto de sons e imagens.

Uma “Opera trágica” que se abre naturalmente para questionamento de ordem estética: quais sons, músicas, imagens, gestos, que constituíram o espetáculo na cidade (BOURDIEU, 1989, p. 63). Pensar na Semana Santa como manifestação que integra o campo artístico implica, por conseguinte, posicionar-se com relação ao conceito de arte. O que se afirma e que a artisticidade da arte está relacionada com sua historicidade, sendo o ponto de convergência a consciência do valor da ação humana.

As noções de cultura erudita e cultura popular sendo objeto de amplo debate no âmbito dos estudos culturais levados a cabo nas últimas décadas.

O simbolismo define aspectos da vida social através de pessoas que se apóiam no natural e no histórico. Dessa forma, é natural que o cristianismo apresente reminiscências pagãs, a despeito do anseio da Igreja em romper com as práticas religiosas anteriores, que por um lado situa-se sacrifício – mantido no velho Testamento, passando à Sinagoga e chegando simbolicamente as práticas litúrgicas que emergem da fé cristã instituída em religião, por outro lado, as tradições festivas. Em ambos os casos, a vinculação de um sentido mágico a gosto estetizado são fenômenos tão arraigados à consciência popular – em especial por seu valor estético – que a Igreja, acreditou que fosse mais oportuno mudar o sentido da fórmula mágica ritual do que extirpa-la.

Muitas dessas comemorações, são procedentes dos mitos dramáticos, em algumas verifica – se a presença de formas devocionais de caráter teatral que atravessam os tempos e lugares, chegando a atingir seu ponto de maior esplendor nas festas de corpus – christe e nas celebrações da Semana Santa. Em outras palavras, a compreensão da vida e do mundo, na relação do homem com Deus, da idéia do juízo final destinando os homens ao paraíso ou ao inferno, resultarão em representações que transformam á semelhança em diferença, confundindo às festas do Cristianismo identidade própria, cada festa vai sofrer transformações e tomar diferentes configurações, de acordo com a época o espaço, nas quais se atualizam (Castriadeis, Cornelius. P. 80).

Em outras palavras o calendário litúrgico do catolicismo do catolicismo europeu configura – se nos trópicos como uma construção artificial – fruto histórico ou imposição judaica esvaziado, conforme as palavras de Rubem César Fernandes p. 84.

A Semana Santa se propõe a fazer: avivar, uma vez a cada ano, através de um conjunto de rituais, o significado da Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo na vida do Cristão, fortalecendo processos identitários, tanto os que se ligam diretamente ao cristianismo, como aqueles que expressam formas particulares de ritualização, de acordo com os costumes locais, podem aparecer outros cortejos como a Procissão do Deposito, Procissão do Encontro, Procissão das Dores, Procissão do Senhor Ecce, Homo, Procissão do Fogaréu.

Como explicar tão grande diversidade de leituras a partir de uma mesma matriz que se quer homogeneia e hegemônica? É possível, como parece desejar a Igreja, uma homogeneização que pressupõe a existência de culturas e práticas culturais puras? Parece que não. A história de todas as culturas é a história do empréstimo cultural.

Na Semana Santa, durante as sextas-feiras da Quaresma também é realizado o exercício da Via Sacra. Os Passos e as Dores, mostra a imagem do Senhor dos Passos, encerrada em um baldaquim de seda roxa com frisos dourados nas laterais, na Procissão do Encontro, a imagem do Senhor dos Passos sai da Igreja do Rosário e a imagem de Nossa Senhora das Dores sai da Igreja Matriz, indo ao encontro do Senhor dos Passos.

O ápice da cerimônia é atingido no encontro das imagens do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores. Nesse momento, o padre profere o Sermão do Encontro. A partir daí as imagens seguem juntas – na agora chamada Procissão do Encontro, até chegar a Igreja da Matriz de Nossa Senhora da Piedade.

A Semana Santa propriamente dita – Semana Maior- inicia – se no Domingo de Ramos, anterior ao da Páscoa. Como diz Carlos Brandão, são dias de Jubilo, na Segunda-feira é retomado o espírito da Quaresma e a lembrança do sofrimento de Jesus com cerimônia de penitencia. A passagem da Quarta – feira Santa é realizada com a Procissão do Fogaréu – tradição que é retomada desde o século XVIII.⁹

Essas figuras impressionantes marcham sem hesitação, chamando a atenção dos fiéis e sem se desviar da multidão, acompanhadas por centenas de outras pessoas que vão as Procissões mesmo que seja sem intenção de cumprir com alguma devoção.

Voltando as Procissões do Encontro, Fogaréu e Senhor Morto, que sempre impressionam pela demonstração de espetáculo e força, o faz, em

⁹ FERNANDEZ, Rubem César. **Romarias, da Paixão**. Rio de Janeiro: Rocco. 1994, p. 84.

igual medida, pela estética dionisiaca que se abre para uma beleza vital e primitiva. Na verdade, essas procissões proferem um discurso que oscila entre angustias e esperanças, por outro lado como a máscara ritual, tanto oculta quanto revela. Na Sexta-feira Santa Cristo é morto, e todas as cerimônias deste dia revestem-se de uma solenidade barroca e de uma grandiosidade maior. (José do Patrocínio Marques, Monsenhor Pedro Ribeiro da Silva, OVAT. 1965 – 1970, p. 109).

O Sábado de Aleluia – o dia que antecipava o Júbilo da Ressurreição e com ele, a celebração da vida em sua pujança e generosidade – é hoje desprovido de celebrações litúrgicas, vez que a Igreja preconiza a preparação pascal ou um dia de silêncio, retiro e oração, as Procissões seguem descompassadas.

Segundo José Lisboa Santiago, popularmente conhecido como seu Zé Grande da Bicicleta e membro do grupo Patrícios do Coração de Maria, em entrevista realizada no dia 14 de maio de 2012, desde pequeno participava das procissões, pois *“na minha infância foi como já falei eu sempre andava com os meus pais, na juventude eu já tinha minha própria vontade, gostava muito de participar das missas aos domingos”*. Para o entrevistado, as principais procissões daquela época eram *“as mesmas de hoje, a diferença é que as pessoas não tem mais o mesmo respeito de antigamente e a fé não é a mesma”*. Assim, segundo Lisboa, o que mais mudou nas procissões da Semana Santa de Lagarto foi o respeito e a participação do fieis em respeito aos preceitos da Igreja. É interessante perceber que além das procissões de Lagarto, Lisboa participava das Procissões de São Cristovão, das quais tinha acompanhado muitos anos.

Com isso, podemos dizer que nos anos 50, em Lagarto havia as mesmas procissões. Eram as mesmas de hoje em dia, a Procissão de Ramos, Encontro, Fogaréu e Senhor Morto, mas exista mais respeito por parte da população. Eram muito bonitas, as pessoas tinham muita fé e respeito, as pessoas ricas andavam junto com os fiéis, sem essa coisa de preconceito, todos andavam juntos. Para seu Zé Pequeno, as pessoas que participavam eram *“muito boas, Dionizio Machado, Acrizio Garcez, José*

Monteiro, Rosendo Ribeiro (Ribeirinho), José Marcelino e Raimundo Oliva Almeida (Mundinho do Leite)". Além disso, o andor era carregado por pessoas como Raimundo Oliva Almeida, Juca de Ana e outros.

As Procissões passavam pelas ruas: Majô Misael Mendonça, Laudelino Freire, Filomeno Hora, Rua da Glória e outras. Segundo o senhor José Lisboa de Santiago: Para representar o papel da Verônica era preciso acompanhar a Religião Católica desde criança, fazer o catecismo, a primeira comunhão, comungar e respeitar todas as normas da Religião Católica. Ele também informou que as pessoas não tem mais amor umas pelas outras, e não existe mais o respeito de antes. Antes havia muita gente vestindo roxo, as mulheres usavam vestidos compridos e com mangas compridas, por causa das promessas que faziam durante o ano inteiro e pagavam suas promessas quando chegava o período da Quaresma com muita fé e compaixão. Era com muito sacrifício, as pessoas acompanhavam as Procissões vestidas de roxo, branco ou preto, acompanhando toda a Procissão descalça e não tinham ironia umas para com as outras.

Durante o período da Quaresma as pessoas jejuavam todas as Quartas e Sextas – feiras, elas não comiam nada desde a hora que acordava até meio dia, na hora do almoço comiam muito pouco, não lanchavam a tarde e só comiam novamente as 6: 30 da noite, era uma tradição que passava de geração pra geração.

Segundo relatos do senhor José Lisboa de Santiago, naquela época as pessoas eram muito diferente das pessoas de hoje em dia, pais e filhos tinham respeito uns pelos outros, as crianças respeitavam todas as pessoas mais velhas, como tios, avos padrinhos madrinhas e vizinhos, era muito bonito, quando um vizinho adoecia, todos os outros iam a casa do doente a noite para rezar pela saúde daquele que estava doente e muitos até faziam promessa parar que esta ficasse bom, e essas promessas eram pagas durante o período da quaresma, principalmente na Semana Santa.

Já a senhora Joana Dantas França, (conhecida como dona Joaninha), pagadora de promessas há 30 anos (nasceu em 1956), nasceu

e se criou no povoado Urubutinga, na entrevista realizada no dia 14 de maio de 2012, disse que tudo começou na infância, quando *“meus pais sempre nos obrigava ir a capelinha que tinha aqui no povoado aos domingos para aprender a rezar.”* Para ela, mesmo morando a vida inteira no povoado, as procissões mais bonitas da cidade eram as da Semana Santa, mas a mais bonita de todas era a de Sexta – feira da Paixão a Procissão do Senhor Morto. Ela participava da Procissão do Senhor Morto na Semana Santa, na Sexta – feira da Paixão.

Na época de sua infância, a Semana Santa de lagarto era marcada pelas procissões *“do Encontro, Senhor Morto e a Procissão dos Homens que hoje em dia vocês conhecem como a Procissão do Fogaréu”*. Ela também critica o luxo pois naquela época as pessoas tinham mais respeito pelas outras, não tinha esse negócio de desfile de moda como tem nos dias de hoje. Mesmo assim, ela afirmou que *“Minha filha Procissão era festa de rico, tinha muitos fazendeiros com suas famílias e os pobres sempre ficavam afastados, porque pobre não era gente para aquelas pessoas”*. Prova disso é que o andor era carregado por *“quatro homens bem altos vestidos de branco e muito bonitos, até pareçam que eram Santos”*.

Para ela a Verônica era a santidade nas ruas da cidade. *“Eu não sei, mais quando eu via ela na Procissão eu pensava que ela era uma Santa, ou melhor, eu pesava que era Nossa Senhora da Piedade, quando ela rezava as pessoas sentiam o chão tremer de tanta emoção”*.

Sob a ótica de dona Joana França, *“na verdade, hoje em dia não tem mais Procissão, na Semana Santa tem sim as festas da sociedade, onde os pobres ficam lá embaixo e nem são vistos por essas pessoas”*. Além disso, as roupas daquele tempo eram muito bonitas, as mulheres não mostravam o corpo como as de hoje em dia.

Para ela, o pagamento de promessas era com muito sacrifício e muita fé, era por isso que alcançavam a graça com mais rapidez, diziam os mais velhos que a fé move montanhas. Na Quaresma, as pessoas jejuavam assim, muitas delas só comiam uma vez por dia, respeitavam os mais velhos, participavam mais das festas religiosas, iam a Missa com

mais freqüência, rezavam quando se deitavam e quando se acordavam, na verdade tinham mais fé em Deus.

De acordo com dona Joana Dantas França conhecida como dona Joaninha, naquele no tempo em que ela era criança, as pessoas eram mais felizes, já nos dias de hoje não existe mais respeito, principalmente entre muitas famílias. Os jovens não tem mais consideração pelos mais velhos, os filhos não respeitam mais os pais, as moças andam quase nuas, é por isso que os homens não querem mais dá valor para as mulheres.

A senhora Marilene de Oliveira Santos, conhecida como dona Lene, moradora do povoado Saco da Tapera, em entrevista realizada no dia 15 de maio de 2012, afirmou que seus:

“pais não me deixava nem eu ir pra Escola quanto mais pra uma missa, quando eu fui pra missa pela primeira vez da minha vida eu já tinha 22 anos de idade, quase que eu morri de felicidade, porque fiquei deslumbrada com tantas coisas bonitas, parecia que eu estava nas nuvens de tanta alegria.

Mesmo assim, ela descreve o que ocorria pelo que ouviu dizer. Afirma que ouvia os mais velhos dizendo que tinha uma Procissão muito bonita, que era a do Senhor Morto, na Sexta – feira da Paixão, eu tinha muita vontade de acompanhar esta Procissão mais meus pais nunca deixaram, por isso eu era uma pessoa muito infeliz.

Para ela, na Semana Santa, as pessoas acordavam cedo, não tomavam café, só almoçavam meio dia e jantavam a noite. Não tomavam banho durante o dia todo, nem penteavam os cabelos, até chegar o Sabado de Aleluia e oravam muito.

Aqui está o triste relato de dona Marilene de Oliveira Santos. Naquele tempo as pessoas que moravam em povoado não sabiam muito sobre religiosidade, os pais não incentivavam muito aos filhos e só pensavam em trabalhar na roça, para que um dia pudesse comprar o enxoval para o das filhas. As pessoas que moravam no interior no tempo em que eu era criança só via um Padre quando um vizinho estava morrendo, porque era o padre que ia dá a benção aquele doente antes de

morrer, eles diziam que era para Deus perdoar os pecados através do Padre, as pessoas pensavam que o Padre era um Santo, por isso todos ficavam assustados e com medo que ele descobrisse algumas coisas que agente tivesse feito de errado, sem que a família soubesse.

REFERÊNCIAS

ENTREVISTAS:

França, Joana Dantas. Entrevista concedida no dia 14 de maio de 2012.

Fonseca, Floriano Santos. Entrevista concedida no dia 14 de maio de 2012.

Santos, Josefa Cícera Barbosa. Entrevista concedida no dia 14 de maio de 2012.

Santana, José Lisboa. Entrevista concedida no dia 14 de maio de 2012.

Silva, Regiane Santos dos. Entrevista concedida no dia 14 de maio de 2012.

Santos, Marilene Oliveira de. Entrevista concedida no dia 14 de maio de 2012.

Santana, Edna Santos. Entrevista concedida no dia 05 de maio de 2012.

Santos, Maria Francisca Araújo. Entrevista concedida no dia 03 de maio de 2012.

FONTES PRIMÁRIAS:

Livros de Tombo da Paróquia Nossa Senhora da Piedade em Lagarto: 1990 - 2010.

FONTES SECUNDÁRIAS:

Almeida, Jaime de. Festas e História na América. In Vainfas, Ronaldo (org). América em; tempo de conquista. Rio de Janeiro: Zehar, 1992.

Boff, Leonardo. Paixão de Cristo – Paixão do Mundo. Petropolis: Vozes, 2003.

Bourdieu, Pierre. A Economia das Trocas Simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BURKE, Peter. Testemunha Ocular. Bauru: EDUSC, 2004.